

**A poesia Voluntários Paulistas,
do Príncipe dos Poetas Brasileiros,
Paulo Bomfim, foi declamada
em 9 de julho passado, na inauguração
do Memorial 32, Centro de Estudos José Celestino Bourroul,
no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo,
em cujo local reúnem-se cimélios
da Revolução Constitucionalista
de 32 e cerca de cinco mil livros sobre o tema.**

Voluntários Paulistas

Em Cunha deixei meus olhos
O rosto de minha noiva

Em Buri ficaram as mãos
A carícia decepada

Em Eleutério meus lábios
O riso da mocidade

Em Sapecado meus pés
Os caminhos sem retorno

Em Vila Queimada a chama
Do sonho dos vinte anos

Em Cruzeiro o corpo em cruz
Aguarda a ressurreição

No Rio das Almas sou alma
A benção de minha Mãe

Do Túnel renascerei
O Voluntário Paulista

Paulo Bomfim



A Escola Paulista, a Vila Clementino e Eu

Affonso Renato Meira

Pode ter sido coincidência, mas a Escola Paulista e eu chegamos quase juntos à Vila Clementino. Eu uns anos antes. Isso faz tempo... se faz tempo. Tanto tempo que não sou capaz de dizer se tudo o que aqui se escreve é lenda ou é verdade. Aliás, como tudo o que pertence à História. No entanto, alguns fatos são concretos e deles não é possível duvidar. O tempo que a Escola Paulista e eu passamos juntos na Vila Clementino... Foram mais de 20 anos, desde a minha criancice até o juramento para ser médico.

A Vila Clementino, no início dos anos 1930, constituía-se de algumas casas, entre outras, a de meus pais e de meus tios, de muitas chácaras com plantações de verduras ou de descanso, como a chácara de meu bisavô, a qual quis o destino que, depois de herdada pelo médico neurologista Joaquim Pennino, viesse a ser a sede da Escola Paulista de Medicina. Já tinha o local intimidade com a Medicina. O doutor Pennino havia organizado o local para ser uma escola que albergava excepcionais, o que era, naquele tempo, algo muito especial e de reconhecimento internacional. O meu bisavô, fabricante de chapéus – chapéus eram moda naqueles tempos e todos usavam –, imigrante italiano, proveniente da Calábria, conseguiu vencer em São Paulo e adquiriu inúmeros terrenos, entre eles, a chácara da Vila Clementino. Em sua morte, antes de 1930, esses terrenos foram herdados por dois médicos que eram seus genros: o meu avô, professor doutor Alfonso Splendore, cujos trabalhos científicos, principalmente sobre toxoplasmose e blas-

tomicose, tiveram repercussão mundial, e o doutor Joaquim Pennino, que se dedicava mais à clínica neurológica. A chácara da Vila Clementino coube ao genro Pennino.

Pois era para essa chácara, a qual meu bisavô comprou para aproveitar o clima agradável dos altos da Vila Clementino – altos da Vila Clementino referidos, em 1938, por Almeida Jr. no discurso na ocasião da colocação da pedra fundamental do Hospital São Paulo –, que eu menino e meu irmão íamos, acompanhando nossos pais, tomar e buscar leite das cabras que ali eram criadas e brincar com dois jumentos que pastavam onde hoje são os ambulatórios da Escola. Meu irmão e eu éramos muito parecidos, usávamos roupas quase sempre iguais, tínhamos praticamente o mesmo peso e altura, apesar de eu ser um ano e quatro meses mais velho. Com isso, era bastante comum perguntarem se éramos gêmeos. A resposta de meu pai, para espanto de quem perguntava, é que tínhamos três meses de diferença.

Essa andança para chegar até a chácara se fazia por ruas sem calçamento, por onde, de quando em vez, uma boiada passava, chamada pelo som berrante de chifre do tocador, em muitas oportunidades montado em cavalo a caminho do matadouro, onde o abate se realizava e, hoje, Centro Cultural na rua Tangará, eventos artísticos acontecem. Os passeios haviam de ser diurnos, pois à noite a escuridão era debilmente afastada, uma vez que a luz das ruas era a gás. A iluminação era feita pelos mes-

mos lampiões que hoje decoram a entrada da Escola na rua Botucatu.

No fim dos anos 1930, a Escola Paulista de Medicina já estava estabelecida, a chácara do velho Schiffino, que não mais pertencia ao Pennino, já havia se desfigurado, a gostosa piscina dos meus tempos de menino estava tampada, as redondezas ainda traziam características do passado. A Escola, cercada de árvores como verdadeira cerca verde. Chácaras de verduras, campos de futebol, ruas sem calçamento, locais sem iluminação onde pares iam namorar, carrocinhas de padeiros distribuindo pães em domicílios, leite entregue em garrafas colocadas ao relento na madrugada e o silêncio e a calma de um lugarejo de interior.

O bonde, sim, o velho bonde 47, percorria a rua Sena Madureira e deixava os estudantes a três quadras da Escola. O ônibus azul Vila Clementino – Largo de São Francisco tinha seu ponto final próximo do matadouro, porém a necessidade levou que se modificasse seu roteiro para atingir o Hospital São Paulo. Era a importância da Escola que já começava a surgir. O calçamento das ruas com seus paralelepípedos mostrava o progresso. Ruas como as que levavam à Escola receberam iluminação elétrica. O tempo havia passado.

As bolinhas de gude usadas nos jogos nas calçadas de terra, assim como os piões nos desafios e as figurinhas que eram razão dos bafa-bafa passaram a um segundo plano. Mesmo o futebol de várzea jogado com os companheiros do colégio, do Liceu Pasteur, também da Vila Clementino, foi afastado.

Eu começava um outro trajeto de minha casa à Escola Paulista, não da chácara de meus antepassados, para, junto de meu irmão e de meus pais, tomar leite, mas sim para me embeber de conhecimentos mais profundos que me acompanham por toda a vida. Diariamente de casa à Escola, da Escola para casa. Algumas vezes, até nos fins de semana, a exemplo das aulas de anatomia no sábado à tarde.

E assim se passaram mais de 20 anos juntos, a Escola Paulista e eu. Quando ela atingiu sua maioridade, acabava a razão de visitá-la diariamente pela manhã e pela tarde e, às vezes, à noite, pois então não havia residência nem sequer internato... às vezes, à noite havia plantões que se faziam voluntariamente no Hospital São Paulo, para ter uma idéia de um pronto-socorro. Era o fim do curso, eu era doutor. Ou pensava que era!

No ano de minha formatura, junto com minha família mudei de Vila Clementino. Segui minha vida, fiz minha carreira, por vezes andei pelo mundo, mas nunca larguei São Paulo. Este ano retorno à Vila Clementino e à Escola Paulista de Medicina, 50 anos depois da comemoração da minha formatura. Tudo tão diferente. Não mais a Escola particular, implantada por corajosos médicos de vanguarda, que cobrava uma mensalidade de seus alunos, mas uma Universidade pujante, construída por seus seguidores com aporte do Governo Federal. Mas a saudade da Vila Clementino, onde a Escola Paulista e eu crescemos juntos, está presente... dos meus tempos de menino aos meus tempos de estudante.

Afonso Renato Meira
é professor emérito da Faculdade
de Medicina da Universidade
de São Paulo

Antonio de Pádua Bertelli

Guido Arturo Palomba

Tomba um mestre da Medicina brasileira e consternados choram os membros da Academia de Medicina de São Paulo, de cujo sodalício era membro titular e secretário adjunto.

Bertelão, como o chamávamos, era uma pessoa boa, amável, alegre.

Sua bondade não tinha nada de passividade sistemática. Ao contrário, era um grande lutador, de reações prontas e vivazes.

Por bem, nada negava, mas nunca recuou diante da violência, da ameaça e da intimidação. Sob a aparente calma, havia estremecimentos vulcânicos, reações próprias de temperamentos fortes. Mas sempre muito justo, correto, afetivo.

A Academia de Medicina de São Paulo, de modo especial toda a atual Diretoria, sente muito essa prematura perda.

Bertelão era médico na acepção exata do termo. Oncologista, fundador da Sociedade Brasileira de Cirurgia da Cabeça e Pescoço, Medalha do Mérito Anchieta, Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo, membro do Departamento da *Human Health*, doutor em Medicina pela Escola Paulista de Medicina, Diretor do Hospital do Câncer, realizou cerca de 15.000 cirurgias, publicou aproximadamente 400 trabalhos científicos, 18 livros, dos quais 12 foram premiados, foi detentor da Medalha do Mérito Médico de Pádua, Mérito Médico de Lisboa, Mérito Médico de Bolonha, mas, na nossa maneira de entender, o que é mais importante ressaltar é que Bertelão era médico de família, conhecia clínica geral e tem em seu *curriculum* muitas vitórias sobre a morte. Quando esta vinha buscar os seus pacientes, e todos já pensavam que a batalha estava perdida, escorraçava-a para longe.

E, de forma absolutamente surpreendente, quando a Senhora da Foice atacou a sua própria pessoa, preocupados, pensávamos que a refrega seria bem mais longa. Mas durou apenas seis meses, para a surpresa de todos.

Ficam as saudades daqueles que lhe queriam muito bem e a certeza no conteúdo das palavras que Bertelão sempre repetia, *ars longa, vita brevis*: a arte é longa, a vida, breve.



Da esquerda para a direita: Antonio de Pádua Bertelli, seu irmão Luiz Gonzaga Bertelli e Guido Arturo Palomba, em solenidade da Academia de Medicina de São Paulo.

Médicos escritores: primeiros romancistas brasileiros

Helio Begliomini

Se a medicina é uma arte, seu maior protagonista só poderia ser um artista. De fato, ser um bom médico requer não somente condicionamento técnico constante e disciplina ética apurada, mas também acendrada sensibilidade humanística.

Neste particular, o exercício da excelente arte de curar proporciona a convicção constante e, por vezes, dificilmente descritível nos seus inúmeros matizes entre o paradoxo da vida e da morte; da saúde e da enfermidade; da integridade e da anormalidade, constituindo-se fonte sobeja de inspiração. Daí se haure o desenvolvimento de habilidades que extravasam com garbosidade nas artes plásticas de uma maneira geral, como também na música e na literatura. É incontestável a miríade de esculápios que, em tempos sucessivos e diversos, são igualmente verdadeiros artesãos do pincel, da melodia, da massa informe por meio da escultura e das letras. Particularmente, na literatura, fazem-se representar na imprensa escrita não científica, assim como nos mais diversos e esparsos sodalícios, liceus e academias.

Oportuna foi a lembrança do médico e escritor gaúcho Luiz Alberto Fernandes Soares, presidente em exercício da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – SOBAMES Nacional (2004-2006) – ao chamar a atenção de que em 2004 é o ano do sesquicentenário da publicação de *Memórias de um Sargento de Milícias*, obra de Manoel Antônio de Almeida. Ao lembrar essa efeméride, regatava simultaneamente a lembrança de que os primeiros romancistas brasileiros foram médicos. E essa epopéia

começou quase que despreziosamente com *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, há 160 anos.

A fim de valorizar um pouco a importância dos filhos de Hipócrates na literatura nacional, vale a pena salientar alguns aspectos biobibliográficos dos primeiros romancistas brasileiros.

Joaquim Manoel de Macedo nasceu em 24 de junho de 1820 em Itaboraí (RJ). Formou-se em medicina no Rio de Janeiro em 1844, com 24 anos, e clinicou algum tempo no interior do estado do Rio de Janeiro. No mesmo ano de sua formatura, publicou o romance *A moreninha* (1844), que o tornaria conhecido na literatura brasileira.

Além de médico foi jornalista, poeta, escritor, memorialista, teatrólogo, político militante e professor de História e Geografia do Brasil no Colégio Pedro II. Colaborou em vários periódicos do Rio de Janeiro, tais como: *Jornal do Comércio*, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, *Minerva Brasiliense*, *Guanabara*, *Globo*, *A Nação* e *Marmota*.

Tornou-se sócio fundador, secretário e orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 1845. Foi deputado na Assembléia Provincial do Rio de Janeiro e deputado geral (legislatura 1864-68 e 1878-81) como representante do partido liberal. Ligou-se, por laços de amizade, à Família Imperial, tanto que foi professor dos filhos da Princesa Isabel.

Outros importantes romances de sua lavra foram: *O moço loiro* (1845), *Dois amores* (1848), *Rosa* (1849), *Vicentina* (1853), *O forasteiro* (1855), *Rio do quarto*

(1869), *A luneta mágica* (1869) e *As mulheres de mantilha* (1870-71). Escreveu duas sátiras político-sociais: *A carteira de meu tio* (1855) e *Memórias do sobrinho do meu tio* (1867-68); entre suas poesias destaca-se o poema *A nebulosa* de 1857.

Além de ser o pioneiro do romance no Brasil, foi um dos criadores do teatro brasileiro, descrevendo saborosamente a vida familiar, a trivialidade e os costumes da sociedade carioca de seu tempo.

Suas peças nas artes cênicas são os dramas: *O cego* (1845), *Cobé* (1849) e *Lusabela* (1863). Suas comédias são: *O fantasma branco* (1856), *O primo da Califórnia* (1858), *Luxo e vaidade* (1860), *A torre em concurso* (1863) e *Cincinato quebra-louças* (1873).

É o patrono da cadeira número 20 da Academia Brasileira de Letras.

Apesar do grande relacionamento social que travou em vida e do apogeu que alcançou nas artes literárias e dramáticas, faleceu em 11 de abril de 1882, com 62 anos incompletos, no Rio de Janeiro, quase esquecido e na maior pobreza.

José Antônio do Vale Caldre Fião nasceu em Porto Alegre em 24 de outubro de 1813. Formou-se em medicina no Rio de Janeiro em 1851. É o criador do romance rio-grandense-do-sul. Foi o primeiro presidente do Partenon Literário, cuja revista ajudou a fundar e na qual publicou poesias e estudos biográficos.

Seus principais trabalhos são os romances *Divina pastora* (1847) e *O Corsário* (1851). *Divina pastora* é considerado o

segundo romance brasileiro. A primeira edição saiu em 1847, três anos depois de *A moreninha* (1844), de Joaquim Manoel de Macedo. Originalmente, havia sido publicado com o subtítulo “novela rio-grandense”. Depois de ter sido dado como perdido, foi encontrado um exemplar em 1992, no Uruguai.

Entre outras obras de sua autoria devem ser citados o drama *O Coronel Manuel dos Santos* (1848) e os poemas *O jardim das noivas e ramallete poético* (1848). Faleceu em São Leopoldo (RS) em 20 de março de 1876, com 63 anos.

Manuel Antônio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 17 de novembro de 1831. Apesar de ter ficado órfão de pai com 11 anos, formou-se em medicina na sua cidade natal em 1855, com 24 anos. As dificuldades financeiras o levaram ao jornalismo e às letras. Além de jornalista, foi cronista, romancista, crítico literário e o primeiro grande novelista da literatura brasileira. Seus trabalhos na imprensa carioca permaneceram dispersos nos seguintes periódicos: *Correio Mercantil*, *Pacotilha*, *Jornal do Comércio* e revista *Guaratinga*.

De junho de 1852 a julho de 1853 publicou, anonimamente e aos poucos, os folhetins no suplemento de *A Pacotilha* do jornal *Correio Mercantil* que compõem as *Memórias de um Sargento de Milícias*, reunidos em livro em 1854 (1º volume) e 1855 (2º volume) com o pseudônimo de “Um Brasileiro”. O seu nome apareceu apenas na 3ª edição, já póstuma, em 1863. Sua peça teatral *Dois amores* (drama) data de 1861, bem como se situa por essa época sua composição esparsa de versos.

Memórias de um Sargento de Milícias é considerado como o primeiro romance urbano brasileiro, escrito quando em voga o Romantismo, retratando a vida do Rio de Janeiro no início do século XIX, época da presença da corte por-

tuguesa no Brasil, entre 1808 e 1821. Os críticos o consideram como um romance de cunho realista, sem os artifícios que a técnica romântica fantasiava, deformava, embelezava ou idealizava a realidade.

Em 1858, Manuel Antônio de Almeida foi nomeado Administrador da Tipografia Nacional, quando encontrou Machado de Assis, que lá trabalhava como aprendiz de tipógrafo. No ano seguinte, galgou o posto de 2º oficial da Secretaria da Fazenda e, em 1861, desejou candidatar-se à Assembleia Provincial do Rio de Janeiro. Dirigindo-se a Campos para iniciar consultas eleitorais, faleceu no naufrágio do navio *Hermes*, em Lages de Tábua, próximo a Macaé (RJ) em 28 de novembro de 1861, com apenas 30 anos.

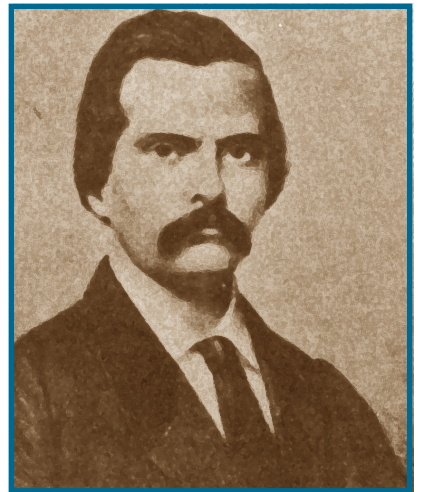
Manuel Antônio de Almeida é o patrono da Cadeira número 28 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Inglês de Sousa. Seu nome também figura como patronímico da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES), fundada em 1987 na cidade do Rio de Janeiro.

Não resta a menor dúvida de que os médicos tiveram, têm, e terão um papel relevante na literatura nacional, pois sua fonte de inspiração é a inesgotável saga humana, da qual se tornam artífices... timoneiros... refêns... observadores... restauradores... e lenientes.

Infelizmente, os médicos escritores são pouco lembrados, valorizados e cultuados entre seus pares, apesar de possuírem tradição secular e de fertilizarem uma miríade de entidades litero-culturais espargidas nas mais diversas plagas desta nação. Contudo, pode-se afirmar, sem o menor exagero, que a literatura brasileira não teria a mesma riqueza e a notória diversidade sem as iguarias do seu talento, urdidas ao sabor de sua pena.



Joaquim Manoel de Macedo 1820-1882



Manuel Antônio de Almeida 1831-1861

Helio Begliomini

é membro da Academia de Medicina de São Paulo, da Academia Cristã de Letras, da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES), da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES) e da União Brasileira de Escritores

(In)Cultura na comunicação em ciências da saúde “patologia”

Arary da Cruz Tiriba

Aula-treino de candidato ao doutorado na área de concentração em Doenças Infecciosas e Parasitárias: “o diagnóstico diferencial da blastomicose¹ [pulmonar] deve ser feito com duas patologias: a histoplasmose e a tuberculose.”

Aí, o emprego impróprio de “patologia”, um, entre centenas de citações – em aulas, transparências, publicações, *datashow*, entrevistas (imprensa, rádio e televisão) –, como sinônimo de doença. É grande o número de médicos, entre os quais professores, que escorregam na expressão.

Então, vamos lá. Lê-se em Ramiz Galvão (*Vocabulário etimológico ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*): “pathologia, sciencia que tracta da origem, symptomas e na-

tureza das molestias; de molestia + tractado”. Definição de outra fonte (*Blackiston's new Gould medical dictionary*): “*That branch of biological science, which deals with the nature of disease through study of its cause, its process, and its effects, together with the associated alterations of structure and function*”. Precisa e preciosa! Portanto, “patologia” excede “doença”; enfermidade é apenas a co-participante.

A disciplina de patologia é o compartimento, da Medicina, intimamente relacionado com: anatomia, histologia, fisiologia, medicina legal, clínica (aproximação recente com a imunologia, com a histoquímica) – e, em última análise, com a terapêutica. Deduz-se, da citação mal situada, das duas uma: seu ensino não teria sido atraente, ou, o que

é mais provável, por desinteresse do aluno, a patologia não foi bem interpretada durante o curso nem depois do bacharelado. Daí a violação da terminologia, ou, o que é pior, o modismo, a repetência viciosa desobrigada do compromisso com a cultura médica. Quando se trata de paramédico – ou de outra área distante, não familiarizada com a terminologia médica –, vá lá, é tolerável.

Se, por um lado, o mau uso revela desconhecimento, por outro, a expressão devidamente exposta demonstra elegância e competência.

Médicos, por dever de ofício, não poderiam recorrer ao *patologia-nonsense*. O pós-graduando deve louvar-se em colegas experientes, cujas teses científicas (memoráveis) já foram debatidas e aprovadas; alguns deles são mencionados nos laboratórios de pesquisa da *Escolinha* (Paulista de Medicina) e nos títulos históricos, a saber: 1. Giovanni Battista Morgagni (Universidade de Pádua), “sobre a sede e as causas das doenças”; 2. Marie François Xavier Bichat (Hôtel Dieu, Lyon), “histologia”; e 3. Rudolf Ludwig Karl Virchow (Universidade de Berlim), “tudo procede da célula”.

O último dos nomeados registra uma passagem que tem algo comum com a área de concentração em Doenças Infecciosas e Parasitárias (não é, essa, a do pós-graduando?). Virchow foi enviado à Silésia para investigar uma epidemia



de tifo exantemático² (o tema deve fazer parte da **disciplina** – de pós-graduação – doenças produzidas por bactérias, para obtenção de créditos). Indignado, ao verificar as condições miseráveis dos trabalhadores, publicou um manifesto sobre a questão. As autoridades, irritadas, afastaram-no por muito tempo do cargo de professor da Universidade berlinense! Ossos do ofício que eventualmente ainda se reproduzem nos nossos colegiados universitários...

¹ Provavelmente, o expositor referia-se à paracoccidiodomicose, não à blastomicose. Paracoccidiodomicose, no jargão da enfermagem, virou “*paracoco/ô/*” (“cultura” pura, ora! que o cientista, Pasteur, não chegou a conhecer).

² Tifo exantemático, doença gravíssima (não é a patologia) conhecida desde o passado por tifo clássico, tifo das galeras, tifo dos cárceres; veiculada pela picada do piolho do corpo (*Pediculus corporis*), que inocula o microrganismo *Rickettsia prowasekii*. Esse termo foi aplicado em 1916, na Alemanha, por Henrique da Rocha Lima, pesquisador brasileiro que dirigiu o Instituto Biológico de São Paulo e foi um dos fundadores da Escola Paulista de Medicina (1933).

Arary da Cruz Tiriba
é especialista em doenças transmissíveis, sanitarista, professor titular (aposentado, em atuação voluntária, da Unifesp/EPM) e membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo

Orfeu

Ives Gandra da Silva Martins

Tange, Orfeu, sozinho, tange a lira agreste
Para afugentar a dor, que te devora,
Na floresta calma, embaixo de um cipreste,
Dorme para sempre Eurídice e singela,
Como se dormisse em teus braços outrora.
Tange, Orfeu, a lira, tange e lembra dela.

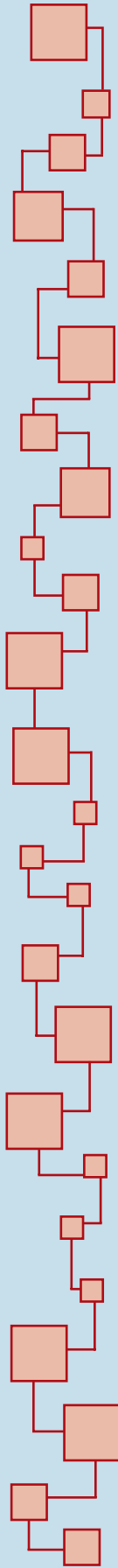
Ao tangir pungente, entoa um triste canto,
O poeta amante, sem o amor da amada,
Canta, Orfeu, sozinho, canta que teu pranto
Enche a selva toda de melancolia,
Canta, Orfeu, e lembra da formosa fada,
Que morreu por ti e muito te queria.

Olha os animais, Orfeu, que o teu penar
Recobriu de dor, de dor por tuas mágoas,
Tanto sofrimento fez que novo mar
Filho seu nascesse, em lágrimas brotado
Pelo transformar dos corações, em fráguas,
Dos nobres amigos, olha todo o lado.

Tanto amor tiveste, Orfeu, e tão ardente,
Que perdeste Eurídice, por tanto amor,
Tu, que até Plutão, supremo e indiferente,
Recobriste em pranto, faze ao que te resta
Dos amigos nobres, que choram de dor,
A felicidade, canta na floresta.

Nunca mais mulher alguma, grande Orfeu,
Teu amor terá ou tua inspiração,
A paixão da morta é grande e não morreu,
Como não morreu a dor, que te entristece,
Canta, Orfeu, o canto que no coração
É mais lindo e puro que uma santa prece.

Tange, Orfeu, sozinho, tange a lira agreste
Para afugentar a dor, que te devora,
Na floresta antiga, embaixo de um cipreste,
Dorme para sempre a amada e tão singela,
Como se dormisse ao lado teu outrora,
Tange, Orfeu, a lira ... tange e lembra dela.



Memórias

José Carlos Barbuio

Guardamos dentro de nós lembranças agradáveis e lembranças desagradáveis. Nosso cérebro, por um mecanismo natural, encarrega-se de “expulsar” as desagradáveis. As agradáveis são uma espécie de bálsamo às quais recorreremos, *algumas vezes*, por prazer. Entretanto, as agradáveis também tendem a desaparecer, após decorrido certo tempo. E isso é uma pena, porque com elas podemos estabelecer certas correlações, por exemplo, entre o passado e o presente de uma pessoa, que são verdadeiras *evocações poéticas*. Isto é, quando você se lembra do passado de alguém, que você conhece muito (e gosta), há sempre, nestas recordações, um conteúdo *lírico*.

Todos esses pensamentos passaram pela minha mente quando, na semana passada, eu relia o romance *O Cobrador*, de Rubem Fonseca, no qual são mencionadas as Lojas Ducal, que foram muito famosas em São Paulo, numa determinada época. Para quem não sabe, a palavra Ducal tem origem na expressão “Duas Calças” (Du-Cal). Quando você comprava um terno, ganhava uma calça a mais, como promoção e em razão de ela sofrer um desgaste maior em relação ao paletó. Estas recordações, que *julgamos* impagáveis, vão, sem percebermos, esmaecendo com o tempo.

Tomo aqui a liberdade de registrar, neste pequeno espaço, algumas dessas lembranças “afetivas”. São eventos, marcas, que desapareceram do mercado (algumas voltaram), ou caíram em desuso, mas que, de alguma maneira, permaneceram registrados em minha (nossas?) memória. Neste exato momento, lembro-me dos seguintes **PRODUTOS DE HIGIENE**: Sabonete Lifebuoy – Sabonete Araxá – Sabonete “Vale Quanto Pesa” – Sabonete Eucalol – Sabonete Aristolino – Brilhantina Glostora – Perfume Lancaster – Perfume Vitess – Perfume Pinho Silvestre – Leite de Colônia – Creme Lanolina (para a barba). **ROUPAS**: Camisa “Volta ao Mundo” – Camisa de “Banlon” – Calça Fiorucci – Calça Soft Machine – Calça Rancheira – Calça U.S. Top – Conga – Sapatos Vulcabrás – Sapatos Clark – Japona (Jaqueta) – Terno de linho 120 – Terno de casimira inglesa – Combinação (um tipo de “lingerie”) – Maiô Catalina. **ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS**: Refrigerante Crush – Gra-

pette – Cerveja Mossoró – Drops Dulcora (“Embrulhadinhos, um a um, sem contato manual”) – Cesta de Natal “Amaral” – Balas Pipper – Balas Soft – Biscoitos Duchon – Biscoitos Aymoré – Chocolate Falchi – Doces de “A Campineira”, da “Neuza” e da “Dizzioli”. **REMÉDIOS**: Cibalena – Regulador Xavier – Pomada Iodex – Emulsão de Scott. **CASAS COMERCIAIS** (em São Paulo): Lojas “Riachuelo” – “A Exposição” – Casas “José Silva” – “Cássio Muniz” – “Casas Pirani” – “Lojas Garbo” – “Lojas Mesbla”. **CIGARROS**: Continental – Fulgor – Mistura Fina – Oriente – Chancellor – Rothmans – Olga – Beira Mar – Oceania – Hípicos – Rodeio – Aspásia – Delta – Odeon. **BRINQUEDOS DE CRIANÇA**: Bilboquê – Piôrra – “Lasca Romeu”. **VEÍCULOS**: Aero-Willys – Itamarati – Fissori – DKV Vemag – Caminhão F.N.M. – Fusca-Fuscão – Pé-de-Boi – Lambretta – Romizetta (Vespa) – Sinca-Chambord – Sinca-Tufão – Karman-Guia – Esplanada. **E MAIS**: Topo Gigio – Máquina de Costura Singer – Anel Brucutu – Corte (de cabelo) “Americano” – Cama Patente – Manta Madrigal – *Videogame* Atari – Folhinha (Calendário) – Boko-Moko (Brega) – Fósforo Sol Levante – Flâmulas – Enciclopédia “Tesouro da Juventude” – Cartilha “Caminho Suave” – Máquina de Escrever Remington e Lettera 22 – Caneta Parker 51 – Capilé (suco de limão com groselha) – Isqueiro Ronson – Revista “Senhor” – Revista “Realidade” – Revista “O Cruzeiro”, com suas colunas “Pif-Paf” e “Amigo da Onça” – Gibis de grandes heróis, como Fantasma, Mandrake (e Lothar), Capitão Marvel, Homem Submarino, Roy Rogers, Tom Mix, Rock Lane – Filmes em “seriados”, como os do Fu-Manchu e os do “Zorro” (que tinha, como parceiro, o índio Tonto) – Filmes de TV, em seriados, como o do “Agente 86” – Revistinhas de “sacanagens”, de Carlos Zéfiro.

Corrigenda

No Suplemento Cultural de junho de 2005, n. 159, a poesia *Olhos Verdes* é de Gonçalves Dias, e não de José Carlos Barbuio.

José Carlos Barbuio
é advogado e escritor

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira